

# O ESTADO DE S. PAULO

25 de março de 2021

## Como melhorar o auxílio emergencial para a nova fase da pandemia

*Ajuda paga pelo governo tem de ser capaz de manter as pessoas vivas, em casa e longe do vírus*

### José Pastore

Mal saiu a Medida Provisória 1.039 para surgirem dezenas de críticas aos valores do novo **auxílio emergencial** (R\$ 150,00, R\$ 250,00 e R\$ 375,00). Afinal, qual é o valor ideal para enfrentar a devastadora pandemia?

De um lado, o auxílio tem de ficar dentro das possibilidades de gasto do governo que, no caso, foi fixado constitucionalmente em R\$ 44 bilhões. De outro lado, tem de ser capaz de manter as pessoas vivas, em casa e longe do vírus.

Acertar esse valor é um enorme desafio. Muitos dizem que, em 2020, houve exagero no valor que custou ao erário R\$ 50 bilhões por mês. Mas, do ponto de vista sanitário, foi um grande acerto, pois conseguiu manter muita gente isolada por bons meses, reduzindo a chance de contágio e de morte.

Hoje, com a variante P.1, estamos diante de uma ameaça mais perigosa e com um auxílio emergencial menor. O número dos que terão de sair de casa para buscar alguma renda deve aumentar, gerando, assim, mais doentes e mais mortos. Todavia, em lugar de especular, é melhor buscar soluções.

Na onda viral de 2020, a sociedade brasileira foi muito solidária no atendimento aos desamparados. Eu mesmo testemunhei a doação de milhares de cestas básicas às famílias de uma favela a qual ajudo há mais de 20 anos. Tive momentos de grande alegria ao ver as empresas atenderem prontamente aos sentidos apelos. Fiquei tocado também com a generosidade dos beneficiários: uma senhora que estava na fila há mais de duas horas disse ao entregador de cestas básicas: “Dê a minha cesta a esta vizinha porque eu ainda tenho umas coisinhas lá em casa... vou me virando”. Lição de vida!

Neste ano, a solidariedade continua, mas em outro ritmo. Reconheço que muitos empresários enfrentam graves problemas de caixa. Mas ainda há empresas e pessoas que mantêm o seu alto espírito humanitário. As redes sociais estão ativas nos pedidos. Noto também que várias emissoras de rádio e de TV se engajaram de corpo e alma no socorro às famílias desassistidas, fazendo isso de modo direto ou por meio de Organizações Não Governamentais (ONGs).

As ONGs têm sido muito criticadas. Mas não podemos generalizar. Existem cerca de 300 mil organizações desse tipo no Brasil. Elas fazem o que o governo não pode fazer por terem velocidade de ação e capilaridade de penetração em ambientes difíceis.

Os brasileiros têm sido solidários nas catástrofes climáticas, ambientais e sociais. Como pessoas físicas, eles doam cerca de R\$ 14 bilhões por ano. E muito mais do que isso é aportado pelas empresas ([Ver ONGs no Brasil: solidariedade em tempos de coronavírus, Estadão, 20/3/2020](#)). No início da pandemia, já no dia 8 de abril de 2020, as doações para enfrentar o **coronavírus** ultrapassaram a marca histórica de R\$ 1 bilhão, contabilizado pelo Monitor das Doações da Covid-19 da Associação Brasileira de Captadores de Recursos.

Não podemos desprezar essa ajuda no momento em que o auxílio emergencial aprovado ficou aquém das necessidades dos pobres trabalhadores informais e suas famílias. Por isso, convido os leitores a doarem o mais rápido possível. A fome está vindo a galope.

Tudo indica que teremos uma abundância de vacinas no segundo semestre e uma consequente retomada da economia, dos empregos e da renda. Mas, neste momento, a situação dos destituídos é desesperadora. O vírus está destruindo milhares de vidas e preparando um futuro difícil em que muitas pontes terão de ser reconstruídas nos campos da saúde e da educação, principalmente, para as crianças que conseguirem viver até lá. Ajudemos!

\*PROFESSOR DA FEA-USP E PRESIDENTE DO CONSELHO DE EMPREGO E RELAÇÕES DO TRABALHO DA FECOMERCIO-SP. É MEMBRO DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS